

1 Introdução

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, em exercício de si, no pensamento.¹

Esta dissertação pretende se fiar no espírito do que Foucault chama de *ensaio*. Não falamos da forma – a dissertação é, ela mesma, uma forma – mas do propósito. Foucault chama ensaio à reflexão filosófica em seu caráter mais vivo. Àquilo que vem a se contrapor a toda tentativa de sistematização, de aprisionamento do pensamento em um sistema. Não por acaso, o trabalho sobre a História da sexualidade será perpassado de ponta a ponta pela oposição entre uma moral de Código, ‘sistemática’, e a construção de uma estilística de vida, chamada ética de si. É fato que passou a era dos grandes sistemas filosóficos²; mas a preocupação manifesta em diversos filósofos recentes em reiterar que a tarefa contemporânea da filosofia não se completa pela sistematização, talvez aponte para a permanência do que Nietzsche denunciou como ‘vontade de sistema’:

Desconfio de todos os sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão.³

Coloca-se, então, um desafio: apresentar um recorte dentro do pensamento de Michel Foucault, dissertar sobre ele, sem sistematizá-lo. Ou seja, tomar como

¹ FOUCAULT, 2006, p. 13.

² Pensamos, claro, na história da metafísica, mas também, já com Foucault, nos sistemas que regulam a produção de saberes.

³ NIETZSCHE, 2008, p. 26.

método a proposta de se permanecer tão perto quanto possível do movimento investigativo traçado por Foucault em todo o seu trabalho. Isto implica em evitar as classificações dos conceitos, das noções, dos temas e dos interesses abordados por Foucault em categorias tradicionais, como as de autor, obra, escola, sistema⁴. Antes, trata-se de tomar por objeto as próprias inquietações que moveram Foucault em suas pesquisas. E de ir traçando um percurso sobre o que Foucault já traçou, de modo a *atualizar* estas inquietações e de *relançar* suas urgências na forma de pesquisa filosófica.

Em Foucault, o filosofar mistura-se com o trabalho do historiador. É fato que, desde as questões colocadas pela virada hegeliana acerca da historicidade das coisas, tanto a filosofia quanto a ciência têm de se haver com a história. Mas nem a ciência, e tampouco a história podem, com isso, se desembaraçar da filosofia: ao contrário, a articulação entre ‘historicidade’ e ‘cientificidade’ torna-se uma grande tarefa que pode ser assumida pela filosofia. De modo análogo, nem a filosofia e nem a história podem desprezar o impacto brutal do advento e do desenvolvimento da ciência na ordem das coisas. Desse modo, Foucault aborda a história como filósofo, ao mesmo tempo que interroga os conceitos como historiador.

Em linhas gerais, costuma-se identificar em Foucault um projeto comum ao longo de seu percurso, girando em torno de alguns temas privilegiados. Interessante a questão do *sujeito*, deslocada de seus termos tradicionais. Pode-se observar que este projeto já havia sido iniciado na *História da Loucura*, onde são delineadas as condições *históricas* de possibilidade do sujeito da loucura. Ali a análise gira em torno dos “jogos de verdade” pelos quais o próprio homem é levado a se pensar como sujeito da loucura, quando se descobre como louco. Já em *As palavras e as coisas*, a reflexão é a do próprio sujeito que se representa como ser vivo e falante. Investiga-se, então, o recorte de um sujeito epistemológico. Em *Vigiar e punir*, recorta-se o sujeito das disciplinas, implicado nas relações de poder, aquele que se julga e se pune enquanto “criminoso”. Ou seja, Foucault analisa a relação do sujeito com a verdade através de diferentes lugares: lugar da loucura, lugar do saber, lugar do poder. Nesta dissertação pretendemos abordar um *quarto* momento da pesquisa empreendida por Foucault,

⁴ Temas trabalhados por Foucault em *Arqueologia do Saber*

quando ele se debruça sobre os jogos de verdade implicados na constituição do sujeito em torno da noção, tão fugidia, de sexualidade.

Propomo-nos, então, a acompanhar o percurso traçado por Michel Foucault na *História da Sexualidade*. Previsto para quatro volumes, *A Vontade de saber*, *O Uso dos prazeres*, *O cuidado de si* e *As confissões da carne*, o projeto foucaultiano de uma história da sexualidade ficou inacabado. A morte não permitiu a conclusão do último volume. O fato trágico de que Foucault tenha perecido por uma *nova* doença, sexualmente transmissível, parece apenas renovar para o pensamento filosófico a tarefa de dar conta desse empreendimento, tão urgente e tão difícil.

O caráter inacabado da “História da sexualidade”, contudo, pode ser pensado como inerente à natureza da pesquisa. Foucault precisou realizar importantes deslocamentos teóricos e modificar estratégias de investigação, na medida em que se aprofundava no tema da sexualidade. De toda forma, os primeiros volumes recortam algumas balizas em torno das quais será disposta uma história. De fato, reencontramos na “História da Sexualidade” a problematização de algumas noções fundamentais que não cessam de se apresentar como desafio ao pensamento, tais como as de *natureza humana*, *sexualidade* e *subjetividade*.

Foucault, visando a um diagnóstico da contemporaneidade, inicia seu percurso no que um certo ‘senso comum’ muito presente na produção de saber toma como momento de origem da atualidade. É no século XVII, aurora do capitalismo e momento de reação da Igreja Católica através da contra-reforma, que muitos teóricos localizarão o início de uma era de repressão do sexo. Após refutar a ‘hipótese repressiva’, devido a questões metodológicas que serão apresentadas nesta dissertação, Foucault reorienta sua pesquisa e empreende seu estudo voltando-se para as relações do indivíduo consigo mesmo na Grécia clássica. A partir daí, pretendia avançar no tempo, observando, no espírito de sua genealogia, as transformações sofridas pelas ‘práticas de si’ recortadas do período clássico. Práticas estas, desde o início, relacionadas ao ‘uso dos prazeres’, que são forjadas no alvorecer do pensamento filosófico. Já o volume três trata do período romano, situado nos primeiros séculos cristãos. O volume quatro abordaria todo o período da pastoral cristã.

Não sabemos se este plano seria cumprido, ou se Foucault sentiria a necessidade de realizar novos deslocamentos. É fato que, após um intervalo de

oito anos, os volumes II e III são lançados simultaneamente, no ano da morte de Foucault. De certa forma, esses dois livros representam seu testamento para a filosofia.

Nesta dissertação pretendemos nos deter justamente na primeira fase da ‘História da Sexualidade’: fase de problematização, diagnóstico e localização das balizas históricas fundamentais. Neste sentido, analisaremos os livros I e II, *A vontade de saber* e *O uso dos prazeres*, deixando para uma próxima pesquisa o caminho apontado na transição do livro II para o livro III.

Optamos por nos situar o mais próximo possível do texto de Foucault. Esperamos, com isto, proceder a uma leitura válida, ainda que não-sistemática. Válida como aquisição de instrumentos para se agir filosoficamente. Apresentar o pensamento de Foucault é mantê-lo vivo, afinal.

No primeiro capítulo, tentaremos contextualizar o projeto da *História da Sexualidade* no panorama do trabalho realizado por Foucault ao longo de mais de duas décadas de intensa atividade intelectual. Abordaremos seus principais deslocamentos teóricos e estratégicos: analisaremos sucintamente as noções metodológicas de arqueologia e genealogia, absorvidas no plano de um projeto da história dos ‘jogos de verdade’ em torno dos quais se distribuem subjetividades. Para isto será necessário destacar alguns aspectos da concepção foucaultiana da história. Verificaremos que o tema da *subjetividade* aparece como um fio condutor da pesquisa de Foucault.

Neste capítulo, acompanharemos ainda a exposição da questão de uma história da sexualidade em seu primeiro volume, *A vontade de saber*. Conheceremos o que Foucault denominou de hipótese repressiva e os motivos para sua refutação. Observaremos que a questão da sexualidade é recolocada em termos das intrincadas relações entre saber, poder e prazer, através da implantação do ‘dispositivo de sexualidade’ e da constituição de uma ‘*scientia sexualis*’. Por fim, analisaremos os motivos teóricos e estratégicos pelos quais Foucault se vê obrigado a recuar sua pesquisa até a Grécia antiga. Perceberemos que o deslocamento é provocado pela desnaturalização do tema da *sexualidade*.

No segundo capítulo, abordaremos com Foucault os principais aspectos das práticas de si na Grécia clássica, no que, formando uma ‘estilística de si’ se contrapõe às ‘morais de código’ tão próprias das formações discursivas subseqüentes. Nossa preocupação, aqui, será de articular o que Foucault busca na

Grécia com aquilo que fundamentalmente move o seu trabalho desde seus primeiros livros, uma urgência em realizar uma história do presente. Talvez se possa delinear nesta fase a recolocação, por Foucault, do tema da *natureza humana*, ou, pelo menos, da natureza da subjetividade. Nossa idéia é relançar alguns pontos recolhidos neste livro para que juntos – nós e os leitores – possamos ir problematizando um dos registros mais significativos dentre aqueles produzidos pelo pensamento racional, a noção de natureza humana. Por isso, pretendemos apresentar, em consonância com os propósitos de Foucault, idéias recolhidas de um tempo distante que, mostra Foucault, se tornaram imprescindíveis para a tarefa atual de crítica sobre o pensamento e diagnóstico do presente.⁵

O terceiro capítulo apresenta e analisa os temas centrais que norteiam o estudo de Foucault sobre o uso dos prazeres na Grécia Clássica. Acompanharemos a trajetória delineada por Foucault para tentarmos nos aproximar daquilo que ele busca nos textos gregos. Conhecemos seu estilo. Sabemos que Foucault não tinha a pretensão de, nessa etapa de seu percurso, dedicar-se a um estudo profundo de Platão e do pensamento grego clássico. De saída, já no prefácio de *O uso dos prazeres*, ele esclarece as razões de seu interesse pelos gregos. Nesse apanhado geral vamos apresentar alguns temas que aparecem insistentemente no livro, como o *domínio de si* necessário na busca da virtude e os exercícios (*askesis*) necessários neste combate do indivíduo consigo mesmo em busca de um estado virtuoso.

Podemos entender *A História da Sexualidade II* como um livro que descreve práticas cotidianas seguidas pelos indivíduos na tentativa de se conduzirem como sujeitos éticos. Na Antiguidade Clássica, encontraremos um momento histórico no qual os indivíduos exerciam no cotidiano uma luta permanente para não serem escravos de si mesmos no sentido de serem dominados por seus desejos. Essa questão do domínio de si, própria aos gregos, nos revelará uma concepção de indivíduo bem diferente da que lidamos hoje. O indivíduo na Grécia apresentava-se dividido em duas partes. Nessa divisão seria

⁵ Observe-se, neste sentido, o que está disposto no apêndice das “Teses sobre a História” de Walter Benjamin: “O historicismo se contenta em estabelecer uma ligação causal entre diversos momentos da história. Mas nenhuma realidade constitui um fato histórico simplesmente por sua qualidade de causa. Ela torna-se tal a título póstumo, sob ação de eventos que podem estar dela separados por milênios. O historiador que parte daí pára de desfiar a seqüência dos eventos como a um rosário. *Ele capta a constelação que sua própria época forma com tal época anterior.* Ele funda, assim, um conceito do presente como ‘a-presente’, no qual se cravam os estilhaços do tempo messiânico”. BENJAMIN, W. 2000, p. 442. Tradução nossa, grifo nosso.

determinada a vitória de uma parte sobre a outra. Para a formação do sujeito ético era necessário que a melhor parte dominasse. É sobre o material referente a essa formação que Foucault vai se deter neste livro.